



RESENHA

BECKER, Howard S. **Truques da escrita:** para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, 253 p.

Angelo Brigato Ésther, Dr.

Universidade Federal de Juiz de Fora/Brazil

angelo.esther@ufjf.edu.br

Howard S. Becker é um sociólogo norte-americano, ex-professor na Universidade da Califórnia, nascido em Chicago, em 18 de abril de 1928. Sua atuação é geralmente associada à chamada Escola de Chicago, especialmente na perspectiva do interacionismo simbólico, sendo considerado um dos herdeiros – ainda vivo – da tradição sociológica de autores como Everett Hughes (seu orientador), Robert E. Park, Georg Simmel, e colega de George Herbert Mead e Erving Goffman, dentre outros. Possui vasta publicação, em larga medida disponibilizada por ele próprio em seu *site* pessoal (<http://howardsbecker.com/>). Pianista, ex-músico de jazz e apreciador de música brasileira, é conhecido por obras importantes, especialmente o livro “*Outsiders: estudos de sociologia do desvio*” (*Outsiders: studies in the sociology of deviance*, no original de 1963).

Seu estilo de escrita é conciso, leve e até divertido, indo direto ao ponto sem rodeios e floreios, diferentemente dos escritos acadêmicos tradicionais e correntes tanto de sociólogos quanto de autores de outros campos de conhecimento. Neste aspecto, no prefácio de *Truques da escrita* assume apreciar a escrita de dois brasileiros ilustres, Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Candido. Neste livro, seu objetivo é mostrar àqueles que querem ou precisam escrever algo que não estão sozinhos em suas dificuldades, que aqueles que os inspiram – autores conhecidos e famosos, seus professores etc. – também enfrentaram ou enfrentam as mesmas dificuldades, que não se trata de incompetência de quem escreve. Ao contrário, Becker entende, inspirado por C. Wright Mills, que “a organização social na qual você escreve está criando essas dificuldades para você” (p. 8), ou seja, é o próprio mundo acadêmico que cria tais dificuldades, em grande medida. É a partir daí que ele vai desenvolver seu livro, que está organizado em dez capítulos.

No capítulo 1, “*Introdução à redação*” para estudantes de pós-graduação (as aspas são do próprio Becker), o autor narra a dinâmica de um curso que ele criou para ajudar os estudantes a escreverem melhor, apontando a necessidade de objetividade da linguagem, retirando “palavras bonitas” e expressões pomposas. No entanto, o que é significativo é que estas expressões e palavras estão apenas “marcando um lugar onde o autor deveria dizer algo mais simples, mas, no momento, não tinha nada simples para dizer” (p. 28). Este tipo de prática consiste num expediente dos autores para encobrir sua incapacidade ou falta de vontade de fazer relações causais, apelando para o uso de voz passiva, eliminando-se o agente da ação. Para além disto, o autor revela uma realidade muito próxima à nossa, ao descrever a realidade que vivia à época dos cursos que ministrava, em que os estudantes de graduação eram (são) estimulados a fazer trabalhos curtos, sem um esforço de revisão e aperfeiçoamento – pois o fazem para obter boas notas apenas –, enquanto os estudantes de pós-graduação encontram um situação diferentes, pois, de modo geral, são cobrados por isto, seja por editores de revistas, seja pelos professores componentes de uma banca de mestrado ou doutorado, por exemplo – por meio do qual os



estudantes visam se tornar um profissional reconhecido, o que não ocorre sem a passagem pelos rituais de iniciação.

No segundo capítulo, *Persona e autoridade*, Becker narra sua conversa com uma então estudante sobre um texto escrito por ela. Em linhas gerais, o autor desvela como o ambiente acadêmico é hierarquizado, implicando uma relação de poder e de subordinação delicada, que leva os estudantes a pensar que são incompetentes e que, para se tornarem verdadeiros intelectuais, precisam dominar a escrita acadêmica. No entanto, a questão aqui envolve uma série de especificidades, com destaque para erudição, escrita rebuscada, sofisticada, traquejada e difícil como sinônimo de competência e domínio de tema e de linguagem, mesmo que o leitor, por vezes, não compreenda muito bem o que o autor afirma. A ideia de *persona* a que Becker se remete diz respeito ao fato de que “tal como a pronúncia britânica indica aos ouvintes o estrato social a que pertence o falante, a prosa de um acadêmico indica aos leitores o tipo de pessoa que está redigindo” (p. 58). De forma bastante irônica e sagaz, cita Wright Mills, que recomenda que “para superar a prosa acadêmica, primeiro você precisa superar a pose acadêmica” (p. 57).

O argumento seguinte de Becker, no capítulo 3 – *A única maneira certa* – é o de que os escritores acadêmicos dificultam a vida do leitor exatamente quando partem do princípio de que cada artigo tem uma estrutura determinada de antemão que eles precisam encontrar, ou seja, de que existe apenas uma única maneira correta de se escrever. De certo modo, sua afirmação decorre da noção que permeia boa parte do livro de que o mundo acadêmico possui suas próprias regras, e fugir delas constitui um erro que acadêmicos iniciantes têm de evitar se quiserem se tornar reconhecidos. Além disto, a academia tende a sugerir aos iniciantes que os grandes escritores escrevem certo logo da primeira vez, que nunca precisam reescrever quase nada. A discussão de Becker faz lembrar alguns formulários de avaliação de artigos, os quais, por vezes, indagam aos avaliadores se o texto analisado está escrito em linguagem apropriada, o que pode ser confundido com aquela ideia de sofisticação e erudição com as quais nos deparamos, mesmo que às custas de compreensão. A confusão pode sugerir que, quanto mais difícil a compreensão de um texto, mais inteligente será o autor, e que a dificuldade é nossa, e não dele. Um dos aspectos ressaltados é a dificuldade que mesmo os escritores experientes encontram, que é a de *começar* um texto, como se ele ainda não tivesse *encontrado* a forma correta de começar. Para Becker, existem várias maneiras corretas, mas é importante que, para isto, quem escreve não seja evasivo, que não diga nada com aquilo que escreve. Serão belas palavras, mas que nada significam e nada transmitem. Além disto, a organização daquilo que se vai escrever constitui outro problema quase insolúvel para muitos escritores. Em outras palavras, qual será a sequência dos conteúdos a serem escritos. Para os dois casos, Becker fornece dicas preciosas, descritas com clareza suficiente para quem quiser segui-las.

No capítulo 4, *Editando de ouvido*, Becker demonstra como os escritores podem escrever de modo mais claro sem ter de se apegarem às regras de forma rígida. Cada autor pode ser criativo na forma como escreve, sem perder clareza e sem deixar de seguir certas regras. Regras não são tão claras e inequívocas para que possamos segui-las, como se fossem algoritmos matemáticos. Becker descreve alguns exemplos de correção de seus textos, comparando como eram originariamente e como ficaram em definitivo, o que esclarece o leitor sobre aquilo a que se refere. A revisão de texto dá trabalho, mas vale a pena, segundo Becker. Pelos exemplos que ele fornece, convencemo-nos disto. Para concluir o capítulo, o autor analisa, pontual e brevemente, o uso de voz ativa e voz passiva, o uso de menos palavras, a repetição de palavras, a tensão entre estrutura e conteúdo do texto, o uso de palavras concretas e abstratas, e o uso de metáforas, sobre as quais ele dedica mais tempo, mostrando tanto seus

excessos quanto suas possibilidades. Seu recado final é que, ao revisarmos textos, *prestemos atenção* ao que foi escrito.

Em *Aprendendo a escrever como profissional*, o quinto capítulo, Becker assume “[...] que ninguém aprende a escrever de repente. Pelo contrário, essa aprendizagem prossegue durante toda a vida profissional e decorre de um leque de experiências trazidas pela academia” (p. 128), ao contrário do que pode parecer. Ainda nas palavras do autor, uma das lições mais importantes que ele aprendeu é que terminar um artigo não significa que ele está pronto! Para demonstrar o que afirma, ele narra diversas experiências pessoais como escritor e como editor de revistas e livros, de modo que o leitor perceba como se dá o processo de desenvolvimento da escrita e da habilidade de avaliar criticamente textos pessoais e de terceiros, de forma precisa e polida. Também neste capítulo, Becker ilustra parte dos preconceitos que envolvem a avaliação de artigos a serem publicados pelos periódicos acadêmicos. É interessante como sua descrição se assemelha às situações que enfrentamos atualmente quando desejamos publicar algo. Em boa parte dos casos tendemos a atribuir a recusa dos avaliadores em função de nossos preconceitos – embora vários até se confirmem – e não porque não fizemos direito nosso trabalho. A rigor, Becker desmistifica aquela ideia de que, uma vez começado, o artigo logo estará pronto. Ao contrário, o próprio autor afirma possuir artigos que nunca ficaram prontos, alguns guardados por mais de vinte anos. Ao final, e após uma série de exemplos vividos por ele, Becker defende que podemos ser criativos na forma de escrever, mesmo com todas as pressões.

No Capítulo 6, *Riscos*, Becker decide inserir uma carta escrita por Pamela Richards, então socióloga da Universidade da Flórida, que consiste numa resposta a uma carta sua, na qual indaga porque ela escrevera dizendo que publicar resultados de uma pesquisa que ela conduzira configuraria uma operação arriscada. Em resumo, a socióloga aponta seu argumento central: para ela, “sentar para escrever é arriscado porque significa que tenho de me expor ao escrutínio” (p. 156). A partir daí, e sem interferência de Becker, para quem o capítulo não exigiu nenhuma complementação, Pamela Richards desnuda sua ansiedade e seus temores quanto à aceitação e ao reconhecimento de amigos, pares, professores e avaliadores. De certo modo, toda a área acadêmica – a que ela se via pertencendo, a sociologia – corroía sua confiança, o que comprometia, inclusive, sua própria noção de identidade pessoal. Mas, contrariamente à ideia de derrota, a autora se dá conta de que, daquilo que escreve, uma parte é boa, outra parte não é.

Em seguida, Becker discute, no capítulo 7, *Soltando o texto*, a tensão entre aprimorar e finalizar o trabalho. De imediato, avisa: “nenhum objeto jamais incorpora totalmente a concepção de seu criador” (p. 166), pois erros e defeitos são inevitáveis. Em outras palavras, nem sempre é fácil e simples decidir se um artigo, por exemplo, está pronto para ser publicado ou se ainda precisa de mais tempo para ser aperfeiçoado. Embora o autor considere que mais trabalho não garante, necessariamente, um texto melhor, o que requer que o escritor busque uma resposta àquele dilema em termos pragmáticos, e não em atitudes predeterminadas. De todo modo, Becker reconhece a ansiedade envolvida e insiste que, na prática, “a única maneira de começar a nadar é entrando na água” (p.181).

Ficar *apavorado com a bibliografia* é um capítulo (o oitavo) muito interessante, que procura demonstrar que o escritor deve usar a bibliografia, e não a bibliografia usar o escritor. Becker afirma que, em função daquilo que costuma ser exigido pelos pareceristas e editores de periódicos, o escritor se sente na obrigação de citar determinados autores ou “usar” determinadas abordagens teóricas de modo a legitimar seu trabalho, operando numa certa zona de conforto, na medida em que se usa os autores considerados “clássicos”, por exemplo. Para

além destes, que funcionam como referência, a leitura da bibliografia crítica e metodológica também é necessária aos cientistas sociais. No entanto, o uso inteligente da bibliografia implica que o escritor procure trazer algo de novo, conectado com a bibliografia, mas de forma criativa, de tal modo que ele procure avançar, apropriando-se de ideias alheias (citando-as, evidentemente), mas procurando ir além delas. O que Becker defende, fundamentalmente, é que você não deixe a bibliografia deformar o seu argumento.

O capítulo 9, *Usando o computador para escrever*, é composto de duas seções: a original, de 1986, e a da versão revisada, de 2007 (versão original a partir da qual foi feita a tradução brasileira, aqui resenhada, e publicada em 2015). Na primeira parte, Becker narra como vivenciou – com relativa tranquilidade – a transição do uso da máquina de escrever para o computador pessoal. Sua discussão tem interesse, principalmente histórico – como o próprio autor adverte – porque, naquela época, o computador pessoal começava a se tornar popular, e para seu uso ser mais efetivo, era necessária uma perseverante mudança de hábitos por parte do escritor, em função da natureza e das vantagens da nova tecnologia, ou seja, era (ainda é) preciso que o indivíduo passasse a compreender que o computador tem uma outra lógica subjacente, com vantagens e desvantagens. Na segunda parte, o próprio Becker admite que muita coisa havia mudado – e que continuava mudando – até 2007, e que as mudanças trouxeram outras possibilidades, como o uso de interfaces gráficas e a *internet*. Ao longo desta parte, ele chama a atenção para alguns impactos acerca das recomendações que dera em outros capítulos, mas entende que, em essência, suas dicas continuam válidas.

Tal como no capítulo anterior, no Capítulo 10, *Uma palavra final*, o autor atualiza suas considerações finais em 2007, mantendo as originais de 1986. Na primeira parte, ele reitera suas dicas, afirmando que adotá-las implica força de vontade e dedicação, e, ao mesmo tempo, correr riscos (vide capítulo 6). A segunda lição, em suas próprias palavras, é que “a escrita é uma atividade organizacional, em resposta às imposições, oportunidades ou incentivos que lhe são apresentados pela organização na qual você escreve” (p. 231). De todo modo, Becker é otimista, sugerindo que o escritor ouse e teste outras possibilidades diante de certas restrições que a organização lhe coloca. Na segunda parte é que Becker assume um tom um pouco desolador, em função das mudanças e da situação atual – que, embora referente à 2007, ainda parece ser a mesma ou até ter se agravado mais, no nosso modo de ver – do mundo acadêmico, em que as práticas de citação, autocitação e de produtivismo acadêmico imperam, em que os indicadores quantitativos de produção têm se tornado o norteador de contratações, promoções e financiamentos, por exemplo. De todo modo, e apesar de tudo, Becker diz que continua sorrindo a maior parte do tempo. No entanto, deixemos para você, leitor, conhecer mais de perto as ideias e os argumentos de Becker.

Uma das contribuições mais importantes – embora não inédita, algo assumido pelo autor, inclusive – é a ênfase na postura de quem tem ou quer escrever: comece escrevendo, sem maiores preocupações com a forma. Isto vem depois. Segundo Becker, este é um dos maiores erros cometidos pelos estudantes e muitos escritores, ou seja, pensar que o texto fica pronto com um simples escrever, como se tudo estivesse na cabeça de quem escreve, restando apenas a tarefa de passar tudo para o papel (ou para o computador). A segunda contribuição é, que ao fazê-lo, o autor ajuda a desmistificar a redação acadêmica, mostrando os “bastidores” dos grandes escritores, tanto em seus aspectos positivos quanto negativos. A terceira contribuição está no fato de o autor ressaltar, embora por vezes sem dizê-lo diretamente, que o reconhecimento de escritores (professores, estudantes) se dá num contexto de relações de poder, no qual atuam pares, editores de revistas e de livros, colegas de trabalho, diretores acadêmicos, dentre outros, em que uma série de procedimentos, protocolos e

mecanismos são desenvolvidos para o reconhecimento daquilo que se produz. Ou seja, aquilo que Becker chama de organização social.

Por fim, sem ser um livro de autoajuda, Howie – como ele mesmo se apresenta – toca nos aspectos centrais envolvidos na produção de material acadêmico. Numa época em que o produtivismo, os *rankings* e o discurso da competência estão em voga, a tradução para a língua portuguesa deste livro traz uma discussão relevante para o mundo acadêmico, embora, aparentemente, pareça se tratar de um livro despretenso e de conteúdo questionável, como se fosse mais um “manual da boa redação”. Ao contrário, por vezes diretamente, por vezes nas entrelinhas, o autor nos desvela uma realidade que precisa ser pensada e, quiçá, modificada, de modo a proporcionar a quem escreve condições melhores de sua produção e, para o leitor, uma leitura agradável e compreensível, sem hermetismo. Como o próprio Becker adverte, o livro pode ajudar a partir das ideias que contém, mas, “a leitura deste livro não resolverá todos os seus problemas de redação. Dificilmente resolverá algum deles” (p. 229). Cabe a você se livrar deles.